ÁREA TEMÁTICA: Finanças **Categoria:** Enangrad Júnior

EDUCAÇÃO FINANCEIRA PESSOAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: UM ESTUDO COM ACADÊMICOS DE ADMINISTRAÇÃO

Resumo

O aumento da complexidade do mercado financeiro e a ampliação do acesso ao crédito têm tornado a educação financeira pessoal um tema cada vez mais relevante, especialmente entre jovens universitários. Nesse contexto, este estudo teve como objetivo analisar o nível de educação financeira dos estudantes do curso de Administração de uma universidade comunitária do estado de Santa Catarina. A pesquisa adotou abordagem metodológica mista, de caráter descritivo, combinando técnicas quantitativas e qualitativas. A etapa quantitativa foi realizada por meio de *survey* com 251 estudantes, utilizando questionário estruturado adaptado de Halpern (2003). Já a etapa qualitativa ocorreu por meio de questões abertas relacionadas aos impactos das dificuldades financeiras no trabalho e à contribuição da educação financeira para o bem-estar. Os resultados quantitativos evidenciaram nível moderado na dimensão de comportamentos e conhecimentos financeiros, nível positivo na gestão de créditos e nível baixo na gestão de ativos e investimentos. Embora demonstrem organização no uso do crédito e no controle dos gastos, os estudantes ainda apresentam limitações no planejamento financeiro de longo prazo e na realização de investimentos formais. Na análise qualitativa, os estudantes relataram que dificuldades financeiras geram ansiedade, estresse e perda de foco no trabalho, enquanto uma educação financeira eficaz proporciona maior tranquilidade, segurança e qualidade de vida. O estudo contribui ao ampliar as discussões sobre educação financeira universitária, destacando sua influência não apenas econômica, mas também emocional, comportamental e profissional.

Palavras-chave: Educação financeira, Finanças pessoais, Universitários

Abstract

The increasing complexity of financial markets and the growing availability of credit have made personal financial education an increasingly relevant topic, particularly among university students. In this context, this study aimed to analyze the level of financial education among Business Administration students at a community university in the state of Santa Catarina, Brazil. A mixed-methods descriptive approach was adopted, combining quantitative and qualitative techniques. The quantitative phase consisted of a survey of 251 students using a structured questionnaire adapted from Halpern (2003). The qualitative phase involved open-ended questions addressing the impacts of financial difficulties on work performance and the contribution of financial education to personal well-being. The quantitative findings indicated that the students demonstrated moderately positive behaviors regarding expense control and financial organization; however, they still exhibited limitations in long-term financial planning,

investing, and debt management. More than half of the participants reported having installment debts, while the majority did not make formal investments. The qualitative analysis revealed that financial difficulties generate anxiety, stress, and reduced concentration at work, whereas effective financial education promotes greater peace of mind, financial security, and quality of life. This study contributes to the literature by expanding discussions on financial education in higher education, highlighting its influence not only on economic outcomes but also on students' emotional, behavioral, and professional well-being.

Keywords: Financial education; Personal finance; University students.

1 INTRODUÇÃO

A crescente instabilidade do cenário econômico tem intensificado a necessidade de os indivíduos desenvolverem competências capazes de sustentar escolhas financeiras responsáveis e alinhadas ao bem-estar de longo prazo. No Brasil, as transformações estruturais do sistema financeiro, a ampliação do acesso ao crédito e a digitalização das operações ampliaram oportunidades, mas também aumentaram a vulnerabilidade de jovens e adultos a práticas de consumo impulsivo, endividamento e dificuldades de planejamento (Santos, Garcia, Faia & Santos, 2024). Nesse contexto, a educação financeira surge como competência essencial para a construção da autonomia econômica e para a prevenção de problemas que podem repercutir na vida pessoal, acadêmica e profissional.

Estudos têm demonstrado que a educação financeira influencia diretamente comportamentos relacionados ao consumo, poupança, investimento e planejamento do futuro. Lucci; Zerrenner, Verrone e Santos (2011) já destacavam que a falta de domínio sobre conceitos básicos, como juros, orçamento e risco, pode comprometer as decisões cotidianas e dificultar a construção de estabilidade financeira ao longo da vida. Pontes; Potrich,; Mata; Maranhão e Goularte (2025), ao investigarem estudantes do ensino médio, mostram que maiores níveis de educação financeira estão associados a escolhas de consumo mais conscientes e a melhores práticas de planejamento.

Entre jovens universitários, esse tema ganha relevância ainda maior, assim, este estudo foi realizado com estudantes de graduação em Administração de uma universidade comunitária do estado de Santa Catarina. A entrada no ensino superior, muitas vezes acompanhada pelas primeiras experiências de autonomia financeira, coincide com a necessidade de administrar recursos limitados, lidar com pressões de consumo e tomar decisões sobre crédito, produtividade e carreira. Vieira, Bataglia e Sereia (2011), em estudo com alunos de universidades públicas, demonstram que o nível de educação financeira está diretamente relacionado à forma como jovens administram despesas correntes, poupam e se organizam para o futuro. Scoassado e Plotze (2024) reforçam essa relação ao enfatizarem que a educação financeira está associada à qualidade de vida, especialmente entre jovens que vivenciam seus primeiros desafios econômicos.

Ao analisar o contexto universitário brasileiro, observa-se que estudantes de Administração possuem contato regular com conteúdos relacionados a finanças, economia, planejamento e investimentos. No entanto, como destacam Camozzato; Lizote.; Teston, e Zawadzki (2023), conhecimento formal não garante educação financeira prática, e muitos universitários apresentam dificuldades em transformar teoria em hábitos saudáveis de gestão financeira. Esse paradoxo revela uma lacuna importante: mesmo estudantes de áreas econômico-contábeis podem apresentar fragilidades significativas em sua educação financeira pessoal.

Estudos têm indicado que jovens universitários são um dos grupos mais vulneráveis ao endividamento, especialmente devido ao consumo digital, ao crédito facilitado e à ausência de práticas estruturadas de orçamento (Cattani; Camargo, Zanatta & Halberstadt., 2021). A falta de planejamento financeiro nessa fase da vida pode repercutir negativamente na trajetória profissional e no bem-estar econômico futuro, reforçando a necessidade de iniciativas que desenvolvam competências de gestão financeira de forma sistemática.

Diante da crescente complexidade do ambiente econômico e da necessidade de os jovens desenvolverem competências para administrar seus recursos de forma consciente, torna-se relevante compreender como os estudantes universitários lidam

com suas finanças pessoais, especialmente no que se refere aos seus conhecimentos financeiros, à gestão do crédito e às práticas de investimento. Embora os cursos de Administração proporcionem contato frequente com conteúdos relacionados à gestão financeira, nem sempre esse conhecimento se traduz em comportamentos financeiros adequados. Nesse contexto, surge a seguinte questão de pesquisa: qual é o nível de educação financeira dos estudantes do curso de Administração de educação financeira dos estudantes do curso de Administração de uma universidade comunitária do estado de Santa Catarina, considerando seus comportamentos e conhecimentos financeiros, suas práticas de gestão de créditos e sua gestão de ativos e investimentos?

Para responder a essa questão, o presente estudo teve como objetivo geral objetivo analisar o nível de educação financeira dos estudantes do curso de Administração de uma universidade comunitária do estado de Santa Catarina. Especificamente, buscou-se identificar os comportamentos e conhecimentos financeiros; identificar as práticas de gestão de créditos adotadas pelos estudantes, considerando o uso consciente do crédito e o gerenciamento de dívidas; e identificar as práticas de gestão de ativos e investimentos, identificando seu grau de planejamento financeiro e sua participação em instrumentos de investimento.

Cientificamente, o estudo contribui para ampliar o conhecimento sobre a educação financeira no contexto do ensino superior, ao investigar como estudantes de Administração compreendem e aplicam conhecimentos financeiros em suas decisões cotidianas. Além disso, fortalece as discussões acerca dos comportamentos financeiros, da tomada de decisão econômica e do desenvolvimento de competências financeiras entre futuros gestores. Ceron Araujo; Pimenta e Cunha (2024) destacam que a educação financeira não se restringe ao conhecimento técnico, mas envolve dimensões comportamentais, emocionais e sociais

Na dimensão prática, os resultados podem subsidiar instituições de ensino na revisão de currículos, na implementação de ações de educação financeira e no fortalecimento de iniciativas voltadas ao planejamento financeiro pessoal dos estudantes. A forma como os indivíduos percebem, interpretam e utilizam o dinheiro é influenciada por experiências familiares, crenças aprendidas, cultura local e até expectativas sociais. Nesse sentido, Oliveira, Costa, Silva e Silva (2022) mostram que iniciativas educacionais no contexto escolar e familiar tendem a produzir efeitos mais duradouros, pois constroem repertórios que acompanham os estudantes até a vida adulta. Socialmente, compreender o nível de educação financeira dos estudantes favorece a prevenção do endividamento juvenil, promove autonomia econômica e contribui para reduzir desigualdades.

O artigo está estruturado em 5 seções, iniciando com esta introdução; a seção 2 apresenta a síntese da discussão teórica sobre o tema abordado; a abordagem metodológica é apresentada na seção seguinte; as análises e discussão dos resultados estão evidenciadas na seção 4. Por último, são feitas as considerações finais da pesquisa e é disponibilizado o referencial bibliográfico.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA PESSOAL

A educação financeira pessoal refere-se à capacidade do indivíduo de aplicar, no seu cotidiano, conhecimentos, habilidades e atitudes relacionadas à gestão eficiente do dinheiro. (Paulo et al. 2025). Esse processo envolve planejar, controlar gastos, organizar orçamento, avaliar riscos, poupar, investir e tomar decisões coerentes com

objetivos de curto, médio e longo prazo. Mais do que compreender conceitos técnicos, trata-se de desenvolver comportamentos que permitam ao indivíduo lidar de forma consciente e responsável com os desafios financeiros presentes em cada fase da vida.

Conforme destacado por Scoassado e Plotze (2024), a educação financeira pessoal está diretamente associada à qualidade de vida, uma vez que auxilia na redução do estresse econômico, promove a segurança financeira e fortalece a capacidade de enfrentar imprevistos. Niehues et al. (2023) reforçam que indivíduos com maior domínio sobre suas finanças apresentam maior autoconfiança, capacidade de organização e habilidades para tomar decisões que favorecem tanto o bem-estar atual quanto a estabilidade futura.

A literatura indica que o comportamento financeiro pessoal é influenciado não apenas pelo conhecimento formal, mas também por fatores psicológicos, sociais e culturais. Oliveira et al. (2022) identificaram que elementos como autocontrole, materialismo, impulsividade, valores familiares e atitudes em relação ao dinheiro impactam a forma como os jovens administram seus recursos. Isso significa que dois indivíduos com o mesmo nível de conhecimento podem tomar decisões completamente diferentes, dependendo de suas experiências, crenças e percepções.

Nesse sentido, o ambiente familiar desempenha papel fundamental na construção de hábitos e crenças relacionados ao dinheiro. Frankenberg (1999) já enfatizava que as experiências financeiras vividas na infância, as orientações dos responsáveis e o ambiente socioeconômico moldam comportamentos financeiros futuros, embora indivíduos criados em um mesmo contexto possam desenvolver práticas distintas, dada a subjetividade das vivências pessoais.

Ao mesmo tempo, o mercado financeiro contemporâneo impõe desafios adicionais à educação financeira pessoal. A oferta crescente de produtos e serviços financeiros, como cartões digitais, empréstimos instantâneos, crédito rotativo, aplicativos de investimento e compras *online*, exige que os consumidores possuam competências para avaliar riscos e tomar decisões informadas. Potrich, Vieira & Ceretta (2013) destacam que, embora essas ferramentas possam facilitar o acesso a oportunidades, também aumentam a vulnerabilidade ao endividamento e ao consumo impulsivo quando não há compreensão adequada dos custos envolvidos.

Massaro (2015) aponta que indivíduos financeiramente educados tendem a administrar melhor seus recursos, escolher o momento mais oportuno para consumir, controlar impulsos de compra e organizar seu orçamento de forma mais eficiente. A educação financeira pessoal, portanto, oferece benefícios que vão além da lógica econômica: contribui para a segurança emocional, estimula a autonomia e fortalece a capacidade de planejamento de vida.

No contexto universitário, a educação financeira pessoal adquire importância ainda maior. Estudos como os de Marciano (2019), Lemos (2021) e Cattani et al. (2021), Paulo et al. (2025) revelam que muitos jovens enfrentam dificuldades para equilibrar gastos, controlar cartões de crédito, evitar endividamentos e constituir poupança. Isso demonstra que, embora sejam expostos a conteúdos acadêmicos sobre finanças, grande parte dos estudantes não consegue transformar esse conhecimento técnico em práticas reais de gestão financeira pessoal, especialmente quando lidam com renda limitada, vida independente, consumo digital e pressões sociais.

Assim, a educação financeira pessoal deve ser compreendida como um processo contínuo e multidimensional, que articula conhecimento, comportamento e contexto social. Ela não apenas capacita o indivíduo a administrar seus recursos de forma

eficaz, mas também o prepara para enfrentar a complexidade do ambiente econômico contemporâneo, promovendo maior segurança, autonomia e bem-estar.
Conforme exposto, a literatura recente evidencia que os jovens em formação acadêmica representam um grupo particularmente vulnerável a dificuldades de planejamento financeiro, uso inadequado do crédito e tomada de decisões impulsivas. Nesse sentido, o próximo tópico apresenta estudos desenvolvidos com universitários, buscando identificar os principais achados, dificuldades e contribuições da educação financeira pessoal nesse contexto.

2.2 ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA PESSOAL COM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Os estudos sobre educação financeira pessoal com estudantes universitários no Brasil vêm se intensificando ao longo das últimas décadas, revelando diferentes dimensões do conhecimento financeiro, do comportamento econômico e das características sociodemográficas desse público. A seguir, apresenta-se uma síntese das pesquisas, com destaque para objetivos e principais resultados.
Lucci et al. (2011) buscaram analisar a influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos, incluindo estudantes, concluindo que maior nível de conhecimento financeiro está associado a escolhas mais racionais e menos impulsivas. Já Vieira, Bataglia e Sereia (2011) tiveram como objetivo analisar a educação financeira e as decisões de consumo, poupança e investimento de alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. Os resultados evidenciaram que, apesar de terem acesso à educação formal, muitos estudantes apresentavam fragilidades no planejamento financeiro e na formação de hábitos de poupança.
O estudo de Vieira et al. (2016) investigou especificamente a alfabetização financeira de jovens universitários do Rio Grande do Sul, mensurando o nível de alfabetização financeira e identificando fatores associados a esse nível, como renda, sexo, curso e acesso a produtos financeiros. Os resultados mostraram que a alfabetização financeira não é homogênea entre os universitários, indicando que diferenças socioeconômicas e experiências prévias com dinheiro influenciam significativamente o grau de literacia financeira..
Marciano (2019) investigou o conhecimento financeiro de alunos de uma universidade federal e analisou sua correlação com os cinco grandes fatores de personalidade. Os resultados indicaram que características como conscienciosidade e abertura a novas experiências se relacionam positivamente com maior conhecimento financeiro, sugerindo que traços de personalidade podem influenciar tanto o interesse quanto o engajamento em temas de finanças pessoais.
Com foco no comportamento financeiro, Cattani et al. (2021) analisaram o planejamento e o endividamento pessoal de jovens universitários. O objetivo foi compreender como esses estudantes lidam com orçamento, uso de crédito e dívidas. O estudo mostrou que boa parte dos universitários apresenta dificuldades em manter controle sistemático das despesas, recorrendo com frequência ao crédito, especialmente cartões, sem pleno entendimento das consequências de longo prazo, o que aumenta o risco de endividamento. Lemos (2021) concentrou-se em universitários beneficiários do programa Bolsa Permanência em um instituto federal de ensino. O estudo teve como objetivo analisar a educação financeira desses estudantes em situação de maior vulnerabilidade socioeconômica, investigando como administram os recursos recebidos e quais estratégias utilizam para conciliar despesas acadêmicas e pessoais. Os resultados apontaram que, embora a bolsa

contribua para a permanência no ensino superior, muitos estudantes carecem de orientação financeira estruturada, o que limita o uso estratégico desses recursos.

O estudo de Lizote, Nascimento e Verdinelli (2022), objetivou verificar a relação entre finanças pessoais e características de universitários de Ciências Contábeis, como perfil sociodemográfico, experiência profissional e hábitos de consumo. Foi constatado que, mesmo em um curso com forte conteúdo técnico na área financeira, há grande heterogeneidade nos comportamentos de gestão financeira pessoal. Parte dos estudantes demonstra organização e planejamento, enquanto outros revelam dificuldades de controle, uso excessivo de crédito e ausência de poupança sistemática.

Embora não se restrinja apenas ao público universitário, o estudo de Oliveira et al. (2022) sobre determinantes do comportamento financeiro pessoal contribui para a compreensão do contexto em que esses jovens estão inseridos. Os autores buscaram identificar fatores que explicam o comportamento financeiro de cidadãos brasileiros e encontraram evidências de que materialismo, atitude financeira, planejamento, controle e conhecimento financeiro influenciam de maneira decisiva as escolhas econômicas. Tais achados se relacionam diretamente com a realidade dos estudantes universitários, sujeitos às mesmas pressões de consumo e às mesmas ofertas de crédito.

Mota, Medeiros e Gatto (2023), analisaram os níveis de alfabetização e perfis sociodemográficos de estudantes do ensino superior tecnológico, identificando quem está mais vulnerável à baixa literacia financeira. Os resultados mostraram que variáveis como renda, gênero, área de formação e origem escolar influenciam o nível de conhecimento financeiro, evidenciando desigualdades internas entre grupos de estudantes no próprio ensino superior. Camozzato et al. (2023), por sua vez, investigaram a relação entre empreendedorismo e educação financeira de universitários. O estudo buscou compreender se estudantes com maior orientação ou intenção empreendedora também apresentam maior educação financeira. Os resultados indicaram que aqueles com envolvimento em atividades empreendedoras tendem a demonstrar maior preocupação com planejamento financeiro, ainda que isso não signifique, necessariamente, maior domínio conceitual. Esse achado reforça a importância de associar formação empreendedora e educação financeira nas instituições de ensino.

Estudos como os de Pontes et al. (2025) e Luz, Santos e Junger (2023), com estudantes do ensino médio, mesmo não estando ligados diretamente ao público universitário contribuem para entender a base formativa desses jovens. Pontes et al. (2025) analisaram o impacto da educação financeira no consumo e no planejamento de estudantes do ensino médio, concluindo que ações educativas estruturadas podem melhorar escolhas financeiras desde a adolescência. Luz et al. (2023), em estudo de caso com jovens do ensino médio em São Paulo, reforçaram a importância de práticas pedagógicas contextualizadas para o desenvolvimento inicial da educação financeira. Esses resultados ajudam a compreender que muitas das lacunas observadas no ensino superior têm origem em uma formação financeira insuficiente nas etapas anteriores de escolarização.

Paulo et al. (2025) investigaram a relação entre a formação acadêmica e a capacidade de gestão financeira pessoal de estudantes dos cursos de Administração e Ciências Contábeis de instituições de ensino superior do Piauí. A pesquisa foi realizada com 140 universitários dos períodos finais dos cursos, por meio de questionário estruturado. Os resultados evidenciaram que a maioria dos estudantes reconhece a importância da educação financeira e aplica parcialmente os conhecimentos

adquiridos na graduação em suas finanças pessoais. Contudo, verificou-se que a aplicação prática desses conhecimentos ainda é limitada e que muitos alunos percebem uma distância entre os conteúdos teóricos e sua utilização no cotidiano financeiro. Os autores concluem que há necessidade de maior integração entre a formação acadêmica e as práticas de gestão financeira pessoal.

Em conjunto, os estudos revisados revelam um quadro consistente: a educação financeira dos universitários é, em geral, limitada e desigual; o conhecimento formal nem sempre se converte em comportamento financeiro adequado; fatores pessoais, comportamentais e contextuais influenciam fortemente a gestão financeira; e há clara necessidade de ações sistemáticas de educação financeira no ambiente universitário.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa utilizou uma abordagem metodológica mista, combinando técnicas quantitativas e qualitativas com caráter descritivo. De acordo com Gil (2019), pesquisas descritivas buscam observar, registrar e analisar características de determinado grupo, sem interferência direta da pesquisadora.

A etapa quantitativa da pesquisa teve como finalidade avaliar o nível de educação financeira dos acadêmicos do curso de Administração de uma universidade comunitária do estado de Santa Catarina, buscando identificar e mensurar os principais comportamentos, conhecimentos e dificuldades relacionados à gestão financeira pessoal. Nesse contexto, o estudo caracterizou-se como uma pesquisa do tipo levantamento (*survey)*. De acordo com Martins e Theóphilo (2016, p. 23), o levantamento “consiste na coleta de dados referentes a uma dada população a partir de uma amostra selecionada, de forma clara e direta dos quais se objetiva saber o comportamento”.

A etapa qualitativa da pesquisa teve como objetivo compreender as percepções subjetivas dos estudantes acerca da relação entre educação financeira, bem-estar e desempenho no ambiente de trabalho. Conforme destaca Vergara (2016), a pesquisa qualitativa busca interpretar a natureza dos fenômenos sociais por meio da análise de percepções, significados e experiências que não podem ser mensurados apenas numericamente. Nesse sentido, foram realizadas questões abertas com os participantes, abordando temas relacionados às dificuldades financeiras que podem afetar a motivação, o desempenho e o bem-estar no trabalho, bem como a percepção sobre como uma educação financeira eficaz pode contribuir para melhorar a qualidade de vida e o equilíbrio no contexto profissional. Essa abordagem permitiu aprofundar a compreensão das experiências vivenciadas pelos estudantes, complementando os resultados obtidos na etapa quantitativa.

A população da pesquisa foi composta pelos 580 estudantes regularmente matriculados no curso presencial de Administração de uma universidade comunitária do estado de Santa Catarina, reconhecida pela oferta consolidada do referido curso e por sua forte integração com o setor produtivo regional. Esse contexto favorece a investigação da educação financeira entre estudantes em formação para a gestão organizacional. Segundo Barbetta (2002), a população de uma pesquisa corresponde ao conjunto de indivíduos que apresentam características relevantes para a investigação e que podem ser analisados conforme as variáveis definidas no estudo.

No que diz respeito à amostra, Martins e Theóphilo (2016) pontuam que é uma parte da população que é selecionada para análise. Para determinar o tamanho mínimo da amostra, foi utilizado o cálculo de amostragem simples conforme os parâmetros propostos por Barbetta (2002), estabelecendo-se um erro amostral tolerável de 5%, o que corresponde a um nível de confiança de 95%. Com base nesse cálculo, definiu-

se que a amostra mínima necessária deveria ser composta por 237 discentes. A amostra total obtida nesse estudo foi de 251 participantes.

A parte quantitativa do instrumento de coleta de dados, foi composta por um questionário estruturado baseado no modelo proposto por Halpern (2003), o qual foi adaptado para o contexto da educação financeira pessoal de estudantes universitários. Além dos dados sociodemográficos, continha 21 afirmações, distribuídas em três seções: Comportamentos e conhecimentos sobre educação financeira (8 itens); Gestão de Créditos (6 itens); Gestão de Ativos e Investimentos (7 itens). As questões fechadas utilizaram escalas do tipo Likert de sete pontos, variando entre “nunca” e “sempre” ou entre “concordo totalmente” e “discordo totalmente” e com respostas dicotômicas (“sim” ou “não”)

A parte qualitativa, por sua vez, foi composta por questões abertas com o objetivo de compreender como as dificuldades financeiras podem impactar a motivação, o desempenho e o bem-estar no trabalho, bem como identificar de que forma a educação financeira pode contribuir para melhorar a qualidade de vida dos estudantes.

A participação dos discentes ocorreu de forma voluntária e anônima, sendo que o preenchimento do questionário representou a concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) simplificado. O termo apresentou os objetivos da pesquisa, o caráter confidencial das informações e a inexistência de riscos significativos aos participantes. Ressalta-se que não foram coletados dados que possibilitassem a identificação individual dos respondentes. A coleta de dados foi realizada presencialmente, em abril de 2026, nas salas de aula, por meio de formulário impresso.

Os dados coletados foram organizados em planilhas eletrônicas e analisados por meio de estatística descritiva, utilizando-se frequências absolutas e relativas, médias e desvios-padrão, com o objetivo de sintetizar e interpretar as informações obtidas na pesquisa. As análises permitiram identificar o perfil sociodemográfico dos participantes, bem como os principais comportamentos, conhecimentos e práticas relacionadas à educação financeira pessoal. Já as respostas das questões abertas foram examinadas por meio de análise interpretativa de conteúdo, buscando identificar percepções, opiniões e padrões recorrentes presentes nos relatos dos estudantes.

4 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

O perfil sociodemográfico dos estudantes evidencia predominância de estudantes do sexo feminino (55,77%), com idade entre 21 e 22 anos (41,43%), solteiros (82,47%), sem filhos (92,83%) e residentes com familiares (74,90%). A maioria possui renda mensal entre R$ 1.500,00 e R$ 3.500,00 (52,59%) e distribuição equilibrada entre os períodos do curso, com maior concentração no 7º semestre (25,50%).

Esse perfil é compatível com estudos sobre educação financeira no ensino superior e indica um público em fase de consolidação da autonomia financeira, na qual fatores como gênero, idade, renda e experiência acadêmica influenciam comportamentos e competências financeiras (Potrich, Vieira & Kirch, 2015; Vieira, Bataglia e Sereia, 2011; Mota, Medeiros e Gatto, 2023; Camozzato et al., 2023).

4.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA PESSOAL

A primeira dimensão analisada, conforme se exibe no Quadro 02, foi referente aos comportamentos e conhecimentos relacionados às finanças pessoais. Essa etapa busca compreender como os estudantes de Administração gerenciam seus recursos financeiros, avaliam seus conhecimentos sobre o tema e adotam práticas de planejamento e controle financeiro.

Quadro 02 – Comportamentos e conhecimentos sobre educação financeira

Asseverações	**Média**	**Mediana**	**Desvio Padrão**	
Costumo registrar e acompanhar meus gastos mensais.	4,70	5	2,14	
Sempre que possível, prefiro fazer compras à vista.	5,22	6	2,06	
Procuro controlar meus gastos para não ultrapassar minha renda.	5,56	6	1,78	
Considero que tenho conhecimento básico sobre finanças pessoais.	4,20	4	2,09	
Costumo buscar conteúdos sobre educação financeira (vídeos, textos, posts).	3,81	4	2,05	
Faço algum tipo de planejamento financeiro de longo prazo.	4,67	5	2,13	
Converso sobre organização financeira com familiares, amigos ou colegas.	4,54	5	2,13	
Média Geral	**4,72**	**5**	**1,35**	
	Sim	**%**	**Não**	**%**
Tenho uma reserva de dinheiro para imprevistos.	173	68,92%	78	31,08

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A análise do Quadro 02 demonstra que os estudantes de Administração apresentam nível moderado de educação financeira (M = 4,72), indicando comportamentos financeiros relativamente adequados, mas com espaço para aprimoramento dos conhecimentos, conforme a perspectiva da OCDE (2020).

As maiores médias foram observadas para o controle dos gastos em relação à renda (M = 5,56) e para a preferência por compras à vista (M = 5,22), evidenciando práticas compatíveis com maior alfabetização financeira (Potrich, Vieira & Kirch, 2015; Lusardi & Mitchell, 2014). Também apresentaram resultados positivos o acompanhamento dos gastos (M = 4,70), o planejamento financeiro de longo prazo (M = 4,67) e o diálogo sobre finanças (M = 4,54), aspectos associados ao desenvolvimento de hábitos financeiros saudáveis (Vieira, Bataglia e Sereia, 2011).

As menores médias referem-se ao conhecimento financeiro percebido (M = 4,20) e à busca por conteúdos sobre educação financeira (M = 3,81), indicando que o comportamento financeiro é mais desenvolvido que o domínio conceitual, conforme Potrich, Vieira e Kirch (2016). Além disso, 68,92% dos estudantes afirmaram possuir reserva financeira para imprevistos, indicador considerado positivo pela OCDE (2020). Em conjunto, os resultados reforçam a importância de ações de educação financeira no ensino superior para aproximar conhecimento e prática (Potrich, Vieira & Kirch, 2015; Lusardi & Mitchell, 2014).

Na sequência das análises, o Quadro 03 apresenta os resultados relacionados à gestão de créditos dos estudantes pesquisados. A análise permite compreender os principais comportamentos dos universitários quanto ao uso do crédito, endividamento e controle financeiro.

Quadro 03 – Gestão de Créditos

Asseverações	**Média**	**Mediana**	**Desvio Padrão**	
Consigo organizar minhas dívidas de acordo com minha renda mensal.	5,31	5	2,18	
Evito pagar apenas o valor mínimo da fatura do cartão de crédito.	5,54	6	1,79	

Média Geral	**5,42**			
	Sim	**%**	**Não**	**%**
Tenho algum financiamento ou empréstimo com prazo superior a 12 meses.	96	38,24%	155	61,76%
Já tive meu nome registrado no SPC/Serasa.	66	26,29%	185	73,71%
Já assumi compromissos financeiros antecipando o 13º salário ou renda futura.	45	17,93%	206	82,07%
Atualmente possuo dívidas parceladas, empréstimos ou financiamentos	137	54,58%	114	45,42%

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A análise do Quadro 03 indica que os estudantes apresentam percepção positiva quanto à organização das dívidas (M = 5,31), sugerindo equilíbrio entre rendimentos e compromissos financeiros. A maior média (M = 5,54) refere-se à consciência sobre os riscos dos juros rotativos do cartão de crédito, resultado convergente com Laureano, Mendes e Mattos (2019), que identificaram amplo uso de cartões e elevado comprometimento da renda com compras parceladas.

Observou-se que 38,24% dos estudantes possuem dívidas com prazo superior a 12 meses, reforçando os alertas de Barrocas (2025) sobre os riscos do crédito de longo prazo sem planejamento. Além disso, 26,29% já tiveram restrição no SPC/Serasa, evidenciando a vulnerabilidade financeira desse público, em consonância com dados do G1 (2022) e Direcional (2021). Em contrapartida, apenas 17,93% anteciparam o 13º salário ou rendas futuras, comportamento considerado mais prudente (Gregarek, 2023; CNC). Por fim, 54,58% possuem dívidas parceladas, empréstimos ou financiamentos, resultado que corrobora Bassotto (2018) ao destacar as dificuldades de planejamento financeiro e formação de poupança entre os brasileiros.

Na última dimensão analisada, o Quadro 04 apresenta os resultados referentes à gestão de ativos e investimentos dos estudantes pesquisados. A análise busca identificar os hábitos de poupança, conhecimento sobre investimentos e comportamento financeiro dos universitários em relação à construção de patrimônio.

Quadro 04 – Gestão de Ativos e Investimentos

Asseverações	**Média**	**Mediana**	**Desvio Padrão**	
Quando fico endividado(a), busco renegociar minhas dívidas o mais rápido possível.	5,20	6	2,04	
Considero que tenho conhecimento básico sobre investimentos.	4,02	4	2,11	
Costumo buscar informações sobre investimentos financeiros (renda fixa, ações etc.).	4,56	5	2,07	
Média Geral	**4,59**			
	Sim	**%**	**Não**	**%**
Tenho dinheiro investido em previdência privada.	75	29,88%	176	70,12%
Tenho dinheiro aplicado em fundos de investimento.	117	46,61%	134	53,39%
Tenho algum valor reservado especificamente para investir.	146	58,16%	105	41,84%
Já adquiri algum bem ou realizei conquistas graças a investimentos financeiros.	133	52,98%	118	47,02%

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

O Quadro 4 evidencia baixa participação dos estudantes em investimentos formais, com predominância de universitários sem previdência privada (70,12%) e sem aplicação em fundos de investimento (53,39%), cenário compatível com as restrições financeiras dessa fase da vida. Embora 58,16% afirmem possuir algum valor reservado para investir, os resultados indicam limitações na consolidação de hábitos de poupança e investimento. Segundo a XP Educação (2021), maior conhecimento financeiro favorece decisões mais conscientes, enquanto Campani (2022) destaca

que muitos universitários ainda apresentam lacunas em conceitos financeiros básicos, apesar de estudantes de cursos da área demonstrarem melhor desempenho.
Em contrapartida, observou-se elevada predisposição à renegociação de dívidas em caso de endividamento, indicando preocupação com a reorganização financeira. Esse resultado converge com Rodrigues (2022), que ressalta que a ampliação do acesso ao crédito exige maior planejamento e controle financeiro para evitar o comprometimento da estabilidade econômica.
De forma geral, os resultados demonstram que os estudantes apresentam comportamentos financeiros relativamente conscientes no controle de gastos e no gerenciamento de dívidas, porém ainda enfrentam limitações relacionadas à consolidação de hábitos de investimento e aprofundamento do conhecimento financeiro.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS QUALITATIVOS

A análise qualitativa das respostas abertas aprofundou a compreensão dos impactos das finanças pessoais sobre o bem-estar, a motivação e o desempenho dos estudantes no ambiente de trabalho.
Na primeira questão, sobre as dificuldades financeiras que afetam o trabalho, os relatos evidenciaram que preocupações com contas, dívidas, baixa renda e compras impulsivas geram ansiedade, estresse, insegurança e perda de foco. Um dos participantes destacou que a falta de recursos para as despesas básicas compromete sua motivação, enquanto outro apontou a dificuldade em controlar compras desnecessárias. Esses resultados corroboram Lusardi e Mitchell (2014), ao demonstrarem que a insuficiência de educação financeira aumenta a vulnerabilidade ao endividamento, e Cattani et al. (2021), que destacam as dificuldades dos universitários em transformar conhecimento financeiro em práticas adequadas. Os achados também convergem com os resultados quantitativos da dimensão Gestão de Créditos, na qual 54,58% dos estudantes possuem dívidas parceladas, empréstimos ou financiamentos e 26,29% já tiveram restrição de crédito.
Os participantes também relataram que os problemas financeiros comprometem a saúde mental, gerando pressão psicológica, desmotivação e redução da produtividade. Essa percepção confirma a perspectiva da OCDE (2005), segundo a qual a educação financeira está associada não apenas à gestão do dinheiro, mas também ao bem-estar. Os relatos reforçam ainda os resultados quantitativos da dimensão Comportamentos e Conhecimentos sobre Educação Financeira, que evidenciaram limitações no planejamento financeiro e na busca por conhecimento.
Na segunda questão, os estudantes reconheceram que uma educação financeira eficaz proporciona tranquilidade, segurança, maior concentração no trabalho e melhor gestão do salário. Expressões como "menos preocupação", "maior foco" e "qualidade de vida" foram recorrentes, corroborando Niehues et al. (2023) e Massaro (2015), que relacionam educação financeira ao equilíbrio emocional e ao bem-estar. Além disso, os participantes associaram o conhecimento financeiro ao planejamento futuro, aos investimentos e à independência financeira, resultado convergente com a dimensão Gestão de Ativos e Investimentos, na qual 58,16% afirmaram possuir recursos reservados para investir, embora ainda haja baixa participação em investimentos formais. Esse resultado reforça os achados de Camozzato et al. (2023) e Paulo et al. (2025), segundo os quais o conhecimento acadêmico nem sempre se traduz em práticas efetivas de planejamento financeiro.
De forma geral, a análise qualitativa complementa os resultados quantitativos ao demonstrar que a educação financeira influencia não apenas aspectos econômicos,

mas também emocionais e profissionais. Os achados evidenciam que dificuldades financeiras comprometem o desempenho e o bem-estar, enquanto práticas adequadas de gestão financeira favorecem maior segurança e estabilidade emocional reforçando a necessidade de ações permanentes de educação financeira no ambiente universitário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar o nível de educação financeira dos estudantes do curso de Administração de uma universidade comunitária do estado de Santa Catarina. Em resposta à questão de pesquisa, verificou-se que os estudantes apresentam nível moderado na dimensão de comportamentos e conhecimentos financeiros, nível positivo na gestão de créditos e nível baixo na gestão de ativos e investimentos.

Os dados da pesquisa evidenciaram que, por um lado, os alunos mostram responsabilidade quando o problema aparece: a maioria evita pagar o mínimo do cartão de crédito e corre para renegociar as dívidas rapidamente quando fica endividada. Por outro lado, a pesquisa revelou que eles quase não conseguem guardar dinheiro para investir. Além disso, mais da metade dos alunos tem dívidas parceladas e a grande maioria não usa investimentos formais, como previdência privada ou fundos de investimento. Nas perguntas abertas, os alunos confirmaram que a falta de dinheiro e as compras por impulso causam ansiedade e tiram o foco no trabalho. Em contrapartida, eles reconhecem que ter uma boa educação financeira traz "limpeza mental", tranquilidade e faz o salário render mais.

As contribuições deste estudo para a academia mostram que cuidar das finanças pessoais não é apenas uma questão de matemática, mas também de saúde mental no contexto organizacional. Na prática, o estudo serve de alerta para que as empresas e as universidades promovam palestras e cursos de educação financeira voltados aos jovens. Socialmente, o estudo reforça que ajudar os jovens a organizarem suas finanças é uma forma de promover mais qualidade de vida e dignidade aos trabalhadores.

Como limitações da pesquisa, destaca-se o fato de o estudo ter sido realizado apenas com estudantes do curso de Administração de uma única instituição de ensino superior, o que limita a generalização dos resultados para outros contextos acadêmicos. Para trabalhos futuros, sugere-se aplicar esta mesma pesquisa com alunos de outras áreas (como engenharias ou saúde) e de outras universidades para comparar os resultados. Também seria interessante estudar se o stress com o dinheiro tem ligação direta com doenças do trabalho, como o *Burnout.*

REFERÊNCIAS

BARBETTA, P. A. *Estatística aplicada às ciências sociais*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

BARROCAS, L. A. *Um estudo sobre o nível da educação financeira dos estudantes da área de saúde da Universidade Federal da Paraíba*. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2025. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/33182 Acesso em 20 maio 2026.

CAMOZZATO, E. S.; LIZOTE, S. A.; TESTON, S. F.; ZAWADZKI, P. Empreendedorismo e sua relação com a educação financeira dos universitários. *Administração: Ensino e Pesquisa*, v. 24, n. 3, p. 0-0, 2023.

CATTANI, D. S. D. S.; CAMARGO, B. F.; ZANATTA, J. M.; HALBERSTADT, I. A. Análise do comportamento financeiro do jovem universitário frente ao planejamento e endividamento pessoal. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, v. 14, n. 3, p. 221-248, 2021.

CERON, J.; ARAUJO, D. de S.; PIMENTA, D. P.; CUNHA, M. F. da. Educação financeira e alfabetização financeira: uma análise bibliométrica sobre a evolução dos trabalhos no Brasil. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v. 16, n. 3, p. e3546, 2024.

FRANKENBERG, L. *Seu futuro financeiro: você é o maior responsável*. Gulf Professional Publishing, 1999.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HALPERN, M. *Gestão de investimentos*. São Paulo: Saint Paul Institute of Finance, 2003.

LAUREANO, A. I. R.; MENDES, D. P.; MATTOS, S. H. Educação financeira: um estudo com os discentes do curso de Administração de uma instituição de ensino superior. *Revista Expressão Católica*, Quixadá, v. 8, n. 2, 2019.

LEMOS, M. L. *Educação financeira e universitários: uma análise com os beneficiários do programa bolsa permanência em um instituto federal de ensino*. 2021. 102 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2021.

LIZOTE, S. A.; NASCIMENTO, S.; VERDINELLI, M. A. Relacionamento entre finanças pessoais e características dos estudantes de Ciências Contábeis. *Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ (online)*, v. 27, n. 1, p. 122-135, 2022.

LUCCI, C. R.; ZERRENNER, S. A.; VERRONE, M. A. G.; SANTOS, S. C. A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. In: Seminários em Administração, 19., 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: FEA-USP, 2011.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. The economic importance of financial literacy: theory and evidence. *Journal of Economic Literature*, v. 52, n. 1, p. 5-44, 2014.

LUZ, J. O. C.; SANTOS, M. E. K. L.; JUNGER, A. P. E. Educação financeira: um estudo de caso com jovens do ensino médio na cidade de São Paulo. In: *Ensino em ciências: saberes, reflexões e práticas pedagógicas*. Editora Científica Digital, 2023. p. 40-53.

MARCIANO, V. G. *Educação financeira: mensuração do conhecimento financeiro de alunos de uma universidade federal e sua correlação com os cinco grandes fatores de personalidade*. 2019. 79 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2019.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

MASSARO, A. *Liberdade financeira: mude seus hábitos para prosperar, fazer o dinheiro crescer e trabalhar a seu favor*. São Paulo: Academia, 2019.

MOTA, T. R. C.; MEDEIROS, A. L.; GATTO, V. C. Alfabetização financeira entre estudantes do ensino superior tecnológico: análise dos níveis e perfis sociodemográficos. *Revista Economia & Gestão*, v. 23, n. 65, p. 196-212, 2023.

NIEHUES, A. L. da S.; KRAUSE, R.; AQUINO, R. F. de; SOUZA, J. C. L. de. Nível de alfabetização financeira pessoal de estudantes universitários brasileiros. *Revista de Gestão e Secretariado*, v. 14, n. 3, p. 2814-2835, 2023.

OLIVEIRA, S. P.; COSTA, W. P. L. B.; SILVA, J. D.; SILVA, S. L. P. Determinantes do comportamento financeiro pessoal: um estudo com cidadãos brasileiros. *Revista de Administração, Contabilidade e Economia da FUNDACE*, v. 13, n. 1, p. 178-197, 2022.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). *Recommendation on principles and good practices for financial education and awareness*. Paris: OECD, 2005

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). *Recommendation on financial literacy: policy guidance and implementation strategies*. OECD Publishing, 2023.

PAULO, A.; NASCIMENTO, A.; OLIVEIRA, A.; AMURIM, A.; CORREIA, A.; HAIKAL, A. Formação acadêmica e capacidade de gestão financeira pessoal: um estudo com estudantes de Administração e Ciências Contábeis. *Revista ENIAC Pesquisa*, Guarulhos, v. 14, n. 2, p. 365-389, 2025.

PONTES, G. T.; POTRICH, A. C. G.; MATA, O. K.; MARANHÃO, K. S.; GOULARTE, L. B. O impacto da educação financeira no consumo e no planejamento financeiro de estudantes do ensino médio. *Caderno de Administração*, v. 33, n. 1, p. 0-0, 2025.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; CERETTA, P. S. Nível de alfabetização financeira dos estudantes universitários: afinal, o que é relevante? *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, v. 12, n. 3, p. 315-339, 2013.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Determinantes da educação financeira: análise da influência de fatores sociodemográficos. *Revista Contabilidade & Finanças*, v. 26, n. 69, p. 362-377, 2015.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Você é alfabetizado financeiramente? Descubra no termômetro de alfabetização financeira. *BASE – Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos*, v. 13, n. 2, p. 153-170, 2016.

SANTOS, A. C.; GARCIA, E. L. M.; FAIA, V. S.; SANTOS, A. M. F. Finanças pessoais: um estudo com acadêmicos sob a abordagem da teoria da contabilidade mental. *Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ*, v. 24, n. 1, p. 90-111, 2019.

SCOASSADO, A. P. O. V.; PLOTZE, R. A educação financeira como estratégia para gestão financeira pessoal e melhor qualidade de vida dos jovens. *Cadernos de Educação Tecnologia e Sociedade*, v. 17, n. 1, p. 158-182, 2024.

VERGARA, S. c. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

VIEIRA, K. M.; KUNKEL, F. R.; CAMPARA, J. P.; PARABONI, A. L. Alfabetização financeira dos jovens universitários rio-grandenses. *Desenvolve Revista de Gestão do Unilasalle*, v. 5, n. 1, p. 107-133, 2016.

VIEIRA, S. F. A.; BATAGLIA, R. T. M.; SEREIA, V. J. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. *Revista de Administração da UNIMEP*, v. 9, n. 3, p. 61-86, 2011.